



O elo perdido A índia Ivanilda Macena, que faz parte da tribo Pankararu, fuma cachimbo ao lado do rio Pinheiros. Segundo a associação da tribo originada em Tacaratu (PE), há 920 índios vivendo em favelas de São Paulo — mais de 80% moram na Real Parque (zona sul). Prefeitura está removendo os últimos barracos e deve levá-los para os prédios do Projeto Cingapura Pág. 3-15

FSP
2/3/97
FOLHA IMAGEM

1-123-1
106

INTEGRAÇÃO Integrantes da tribo pankararu moram na favela de Real Parque, na zona sul, e reclamam de preconceito

Índios se agrupam em favela de São Paulo

Fotos Rogério Assis/Folha Imagem



Os garotos Júnior (agachado) e Amauri, da tribo pankararu, jogam bolinha de gude no abrigo da favela Real Parque, na zona sul, onde vivem



Índios pankararu no abrigo onde vivem no Real Parque, na zona sul



A índia pankararu Petronila costura no abrigo onde vive em São Paulo

MARCELO RUBENS PAIVA
especial para a Folha

A Associação Indígena Pankararu contabiliza que 920 índios de sua etnia, originalmente de Tacaratu (PE), vivem em favelas de São Paulo. Mais de 80% moram na Real Parque, favela à margem do rio Pinheiros (zona sul).

“ Vim para cá garoto, em 58. Era tudo mato. Pescávamos no rio”, diz Frederico de Barros Pankararu, 41, presidente da Associação.

O êxodo pankararu começou no final dos anos 50, após a construção das barragens de Paulo Afonso e Itaparica, no rio São Francisco.

“As barragens inundaram as terras férteis. Houve uma guerra entre posseiros e os pankararus. Sobraram para os índios a beira da serra”, afirma Geralda Chaves Soares, do Centro de Documentação Indígena de Minas Gerais.

Apesar de suas terras terem sido demarcadas em 1939 — e já homologadas —, diversos pankararus se juntaram à orla de migrantes nordestinos e vieram a São Paulo para trabalhar na construção civil — como a do Estádio do Morumbi.

Na época, montaram acampamento à margem do então despoluído rio Pinheiros, entre as pontes da Cidade Jardim e Morumbi.

“Nem sempre falo que sou índio. Só apresento minha carteira depois de estar trabalhando. Se apresentar antes, dizem que índio é preguiçoso”, afirma Manuel Alexandre Sobrinho, pedreiro. Sua carteira de identidade traz escrito ‘Posto Indígena Pankararu’.

Nos anos 60, a marginal Pinheiros cortou o acampamento, originando a favela Real Parque. Há 3 anos, a prefeitura iniciou as obras do projeto Cingapura, removendo os últimos barracos à beira do rio.

Dança típica

“Isso aqui era um terreno vazio. Agora, está tudo misturando. Temos que respeitar os outros, quando quisermos fazer nossas brincan-

deiras, como o Toré”, diz o índio Manuel Alexandre.

O Toré é uma dança típica, ao som de chocalhos. Todos os anos, muitos índios viajam até a aldeia, em Pernambuco, para dançar, especialmente na primavera.

“Lá na aldeia, todo dia a gente canta. Aqui, só de vez em quando. Temos que respeitar os outros moradores da favela. O marauá (chocalho) dá o tom dos encantados”, diz a índia Ivanilda Macena.

A maioria dos índios que sai da aldeia é de homens. O emprego mais almejado pelos pankararus é o de vigilante ou segurança.

“Só depois que eu estava trabalhando é que descobri que sou índio. Gozaram da minha cara, mas deixaram”, diz Antônio Alexandre, segurança.

A interação

Erivaldo Pereira do Nascimento, 21, há 12 anos em São Paulo, reclama que “todos falam que índio é preguiçoso e gosta de dormir”. Já trabalhou como repositor no Shopping Morumbi. Passou a infância na aldeia.

“Lá tem liberdade. Aqui o cara arrisca ser atropelado. Isso aqui é uma verdadeira porcaria. Quando vim para cá não saía de casa, com medo de me perder”, diz.

A maioria dos moradores da favela Real Parque desconhece a existência de índios em barracos vizinhos. No total, 1.500 famílias residem no local.

“Gosto de conviver com os índios. São gente fina. Não são índios, são que nem eu”, diz Antônio de Oliveira, 40, comerciante.

Atualmente, uma equipe multidisciplinar da Secretaria de Habitação permanece na favela em obras. Cecília Figueira, psicóloga, afirma que os índios são tratados como os outros moradores.

“Os índios estão aculturados. A casas deles é normal. Eles têm fantasias indígenas. Sugerimos que fiquem no mesmo prédio, para não perderem as características”, diz.

Pankararus querem rever idioma

especial para a Folha

“Os pankararus são as maiores vítimas da antiga política do Serviço de Proteção ao Índio, que propunha integrá-los e não deixá-los com sua cultura própria”, diz Maurício Fonseca, secretário executivo do Programa Qualidade de Vida, da Secretaria Estadual do Planejamento.

“Tomei contato com eles há pouco. Eles não recebem apoio da Funai daqui nem de Pernambuco. Nós começamos a distribuir cestas básicas. Eles estão longe das raízes, mas mantêm a cultura. E querem recuperar os hábitos que perderam, como a língua”, diz Fonseca.

Não há local para os índios promoverem suas atividades culturais. Em relação à língua, não se sabe quantos pankararus conhecem o idioma. Desde 88, o Estado é obrigado a garantir a sobrevivência de culturas indígenas.

“Perderam o idioma pois a colonização é muito antiga. Nunca encontrei quem falasse o pankararu. Só quando cantam”, afirma Geralda Soares, que acabou de voltar da aldeia em Pernambuco.

“Na aldeia, existem costumes

como a iniciação de crianças, o Torá e a dança dos Praiá, em homenagem aos ancestrais que protegem o povo. Mas todos já estão envolvidos com a vida urbana”, completa Soares.

“Desde o meu bisavô que existem não-índios na aldeia. Houve uma mistura por causa dos pais. Nosso trabalho, agora, é voltar a falar a língua. Sei que existem alguns parentes mais velhos que sabem”, diz Frederico Pankararu.

Segundo a Funai, há 20 mil índios em Pernambuco, espalhados em sete aldeias. A etnia Pankararu é a segunda mais numerosa.

“Os pankararus se descaracterizaram devido à miscigenação. Eles têm artesanato e tentam resgatar a língua. Mas nós estamos com poucos recursos”, afirma Otávio Uchoa, administrador da regional de Recife da Funai.

“O prioritário é a terra. Soube que os daqui querem voltar para lá. Deveria haver uma grande mobilização para ajudá-los. O governo não tem feito nada, nos últimos dois anos, em relação à demarcação de terras indígenas”, lamenta Maria Inês Ladeira, do CTI (Centro de Trabalho Indigenista).

Índios ameaçam queimar torres de hidrelétrica

especial para a Folha

Os 920 índios pankararus das favelas de São Paulo estão em contato permanente com os 7.000 parentes que vivem na aldeia Brejo dos Padres (PE).

Muitos querem voltar a viver na aldeia, a 63 km da usina de Paulo

Afonso. Seus parentes aldeados ameaçam queimar três torres de hidrelétrica, caso a Funai (Fundação Nacional do Índio) não retire os posseiros da área.

Em carta enviada dia 19 de fevereiro ao presidente da Funai, a Associação Indígena Pankararu faz um alerta. Caso não haja acordo,

eles vão tomar “atitudes que podem reverter em prejuízos a Pernambuco e a outros que são servidos pela usina de Paulo Afonso”.

Segundo a Funai, são 8.337 hectares de reserva, que foi homologada em 1987, mas 423 famílias de posseiros moram na área a espera de indenização.

“É uma situação delicada que demanda tempo. Não temos recursos para executar a indenização. É um processo de muita responsabilidade. Os posseiros querem sair, mas querem receber pelas benfeitorias”, afirma Otávio Uchoa, administrador regional da Funai de Recife.